

Enunciação e percepção: a informação mediatizada em Caxinauá

Eliane CAMARGO

Laboratoire d'ethnolinguistique amérindienne - CNRS (Paris)

Resumo

No presente artigo ressaltamos a categoria gramatical do mediativo que abrange uma ampla área semântica, na qual o enunciador é apenas um mediador da informação que divulga. Apresentamos esse tema que cobre não apenas a posição do enunciador face ao que enuncia, mas também a mensagem epistemológica e cognitiva inscrita tanto no discurso social como no da tradição oral — através dos mitos —, que o sistema caxinauá nos revela. A análise morfológica chama-nos a atenção quanto ao papel da nossa interpretação do sistema da língua e principalmente de seu semantismo. Ilustramos o texto com dados extraídos da língua caxinauá, pertencente à família lingüística Pano, localizada na bacia do Juruá-Purus, entre o Brasil e o Peru.

Generalidades

O que se pode chamar de processos de modernização na Amazônia traz-nos de imediato à memória contatos entre culturas, a começar pela expedição comandada por Pedro Teixeira, que em 1637¹ deixa Belém com destino a Quito, onde chega um ano mais tarde (GALVÃO 1976: 421). Época de conquista do Eldorado para uns e de instalação de missões para outros, foi seguida por epidemias, das quais a varíola e a gripe. Na bacia do Juruá-Purus, nosso centro de interesse, o contato de primeira instância não foi basicamente o jesuítico, mas sendo região abundante em salsa, óleo de copaíba, cacau, castanha e em seringa, a cobiça à exploração teve igualmente um papel relevante. Foi, sobretudo, a partir da descoberta da utilização industrial da borracha que essa parte da Amazônia ocidental passou a ser um chamariz à mão-de-obra escrava indígena e aos flagelados da seca do nordeste brasileiro. As epidemias foram palcos secundários à dizimação da população. Esta sofreu um choque abrupto pelo contato violento e pela imposição de mão-de-obra nos seringais, quando não pela extermínio de assentamentos indígenas. Conhecemos os fatos históricos, porém quais são os registros desses fatos deixados na língua? O que o contato lingüístico entre culturas nos revela hoje da visão de mundo daquele que foi e muitas vezes ainda é considerado como pertencente a uma cultura menor, marginalizada? O que nos

chama a atenção não é o português falado por eles, mas o que passam de suas línguas quando se expressam em português (ou em espanhol). Em vários pontos da Amazônia, notamos o emprego produtivo da partícula «dizque» no falar do português dos Índios (assim como da população regional). Indagamo-nos assim sobre o semantismo dessa partícula a partir da língua de origem. O porquê desse uso tão corrente nessa região, nada produtivo por nós falantes de português. Em um contexto específico, como o tema «culturas marginalizadas e processos de modernização», o que nos dá pauta a reflexões é a forte relação intrínseca cultura e língua, arraigada aos comportamentos sociais, interagindo, concomitantemente, entre duas culturas distintas: índios e não-índios. Uma dessas relações é transparente nas línguas nacionais, pela construção dessa estrutura sintática, presente principalmente na literatura oral regional. A partícula dizque, por exemplo, usada pelo enunciador enquanto mediador da informação, é um desses reflexos.

Exporemos no presente trabalho uma visão diferente do contato entre culturas. Demonstraremos o que faz com que o caxinauá, pertencente à família lingüística Pano, empregue modais como 'dizque', 'parece que', entre outros, ao falar português. Isso é nada menos que uma transposição do comportamento cognitivo inerente à sua língua manifestada por processos modais em nossas línguas. Comentaremos uma dessas visões através do funcionamento semântico da categoria do mediativo em caxinauá, ilustrando-a com enunciados em língua vernacular.

No caso caxinauá analisaremos a forma do mediativo representado morfológicamente por «-iki», porém para um melhor entendimento desse processo cognitivo comentaremos brevemente a sua definição.

¹ Dois freis franciscanos, Domingo de Briera e Andrés de Toledo, precederam Teixeira numa pequena expedição, com apenas 6 soldados, no sentido contrário, de Quito a Belém, de 17/10/1636 a 5/2/1637.

A categoria do mediativo

Muitas vezes, o enunciador se serve de processos gramaticais como o modo verbal, as modalidades (poder, crer, parecer, achar, etc.), justamente para se distanciar de qualquer responsabilidade sobre o que relata. Em diferentes línguas, esse distanciamento entre o enunciador e o que ele enuncia é marcado morfológicamente. Este fenômeno pertence ao que vem sendo chamado de «categoria gramatical do mediativo». Os marcadores desta última informam que (a) o enunciador não assume o que relata, (b) não é vivenciado pelo enunciador; (c) a informação pode provir de outra pessoa ou ser um rumor, boato. Em suma, os fatos relatados têm por origem um conhecimento adquirido de maneira mediata. A posição do enunciador perante a situação apresentada é a de mediador da informação; ele não se responsabiliza pelo que enuncia e o(s) co-enunciador(es), herme-neutas desse código, compreende(m) que a informação divulgada não foi vivenciada pessoalmente pelo enunciador, ou ainda que este tenha vivenciado, pode preferir não assumir a responsabilidade da mensagem que emite.

Na verdade, estamos face a fenômenos de comportamento sócio-culturais veiculados pela língua. Comportamentos lingüísticos como esses que vêm sendo detectados e debatidos desde a metade do século XIX por Humboldt. Neste século, Sapir e Whorf, que afirmaram que fenômenos lingüísticos estão contidos nos culturais, ampliaram a visão interpretativa da simbólica sócio-cultural de um grupo dado incrustado na sua língua de origem. Visões culturais, cognitivas, epistêmicas, de inter-relações humanas são expressas formalmente nas mais diversas línguas por processos gramaticais variados. A transparência cultural no sistema lingüístico próprio a cada língua não despertou interesse apenas de lingüistas; o etnólogo evolucionista Malinowsky² observou frases simples como as formas de polidez que apontavam diferenças fundamentais entre função e sentido; fato que o levou a dizer que a língua também é um sistema de ação.

Deparamo-nos com um comportamento lingüístico retratador da categoria cognitiva que pode ser expressa através de categorias semântico-gramaticais. A cognição, como mostram Desclés e Guentchéva, «revela o comunicar pensamentos, o planificar ações em função de um objetivo a atingir e a obter novos conhecimentos, o modo de perceber o meio ambiente e o de agir nele; o dialogar entre enunciadores, o representar situações do meio externo, fictícias e imaginárias; ser o suporte de inferência e de raciocínio» (DESCLÉS e GUENTCHÉVA 1994: 11-12).

Vemos assim que códigos lingüísticos comunicam o que o enunciador quer divulgar com a informação que emite e também a intenção legítima que tem ao guardar ou a difundir uma mensagem que lhe é pertinente.

As definições semânticas desses códigos ainda estão sendo desenvolvidas e estudadas em diferentes línguas que dispõem desses mecanismos marcados formalmente. O termo mediativo vem cobrir os diversos traços semânticos dessa categoria gramatical. Valores morfo-semânticos desta última foram

detectadas em línguas como o albanês que apresenta formas para o admirativo, o turco que dispõe de um sufixo «-di», indicador da mensagem vivenciada pelo enunciador, e de «-mis&» onde o descompromisso do enunciador pelo fato relatado é total. A ocorrência de fenômenos como esse, formalmente marcados em diversas línguas, têm chamado a atenção de Z. Guentchéva³ que postula que as propriedades do mediativo não só são freqüentes como também estão intimamente ligadas a mecanismos de percepção (GUENTCHÉVA 1990: 302). No que tange às línguas ameríndias, suas descrições, principalmente no que se refere às norte-americanas, abordam as estruturas sintáticas, as relações de parentesco, sendo o léxico a categoria mais destacada como representação epistemológica do mundo cultural do grupo. Ora, a morfossintaxe é semanticamente impregnada de informações lingüísticas, epistemológicas e cognitivas.

As línguas ainda em fase de descrição, cujas culturas também são pouco estudadas, surpreendem-nos, algumas vezes, com estruturas sintáticas, mas sobretudo semânticas, ao nosso ver, fora do comum. Aí está um dos papéis da teoria da enunciação que descreve e explica as combinatórias semânticas a diferentes níveis como o social, o etnológico, o lingüístico e o cognitivo, que pode ser uma das chaves da compreensão das operações construtivas de representações mentais e processos de categorização, segundo o que postula Desclés.

O que nos traz aqui são os imperativos semânticos que passam de um sistema lingüístico a outro. Para entendê-los, precisamos ir à fonte deles: a língua de origem. Assim antes de ilustrar como os mecanismos morfossintáticos expressam a posição do enunciador face ao que ele enuncia, fornecemos brevemente algumas informações sobre o caxinauá, língua de cultura de tradição oral.

² Trabalhou com a população das Ilhas Trobriand no Pacífico.

³ Zlatka Guentchéva, lingüista especialista da questão do aspecto-tempo em búlgaro e em línguas eslavas, desenvolve atualmente um trabalho sobre a ocorrência da «categoria do mediativo» em níveis diversos em línguas tipologicamente diferentes. Ela retoma o termo mediativo, empregado por Gilbert Lazard em um artigo sobre o tadjik (LAZARD 1956).

Os Caxinauá

Os Caxinauá, localizam-se na bacia do Juruá-Purus, entre o Brasil e o Peru, também conheceram um contato difícil com a sociedade nacional. Muitos, devido à infiltração abrupta dessa sociedade à procura de mão-de-obra para a exploração da seringa nos meados do século XIX, acabaram por se tornar índios-seringueiros; outros se refugiaram nas profundezas da mata. Nesse século de contato entre os Caxinauá e os Caxinauá-seringueiros, uma diferença cultural se impôs. Os primeiros foram recontatados na década de 40 e desde então o contato com a sociedade envolvente, mas também com missionários e pesquisadores, se dá de forma crescente. Hoje em dia o monolíngüismo ainda se mantém, principalmente por parte das mulheres e crianças, mas os homens que estão em constante ligação com o 'outro' mundo passaram a se expressar nas duas línguas de cultura (português e espanhol) dessas sociedades de consumo. Os segundos perderam muito de sua cultura oral tradicional. Convivendo com os chamados 'soldados da borracha' e hoje com os seringueiros, efetuaram trocas de conhecimentos de economia: o tradicional (roça, caça) e o «moderno» (venda, compra, trabalho remunerado). O Caxinauá-seringueiro conhece bem o funcionamento não apenas da economia nacional, mas também o comportamento da sociedade nacional. Ele compartilha, ao lado da sua língua de origem, o português ⁴.

A língua caxinauá

O caxinauá, língua falada pelo grupo do mesmo nome, pertence à família lingüística Pano ⁵. Língua aglutinante de base sufixal, cujos elementos se organizam tipologicamente pela ordem SOV, está em fase de descrição e de interpretação semântica. A oposição verbo-nominal é pouco definida pelo léxico; são os sufixos de propriedade nominal ou verbal que determinam a categoria do lexema. O padrão silábico é (C)V(C)(C). Seu sistema fonológico é composto de quatro vogais orais: *a, i, e* ⁶, *u* e de quatorze consoantes: *m, n, p, t, tx, k, b, d, y, s, x, h, ts, w* ⁷.

As vogais são nasalizadas em contato com o fonema nasal /n/, este ocupando a posição de coda, ou seja C₂, da sílaba.

O mediativo, revelado por processos morfológicos (sufixos e partículas) e prosódicos, registra uma distância entre o enunciador e o fato enunciado. A marca do mediativo se posiciona no sintagma verbal, logo após a base verbal. A categoria do mediativo nessa língua, ao nosso conhecimento, ainda não foi estudada. Trataremos, no entanto, no presente estudo, uma premissa dessa categoria através do sufixo «-iki» ⁸.

O enunciado mediatizado em caxinauá

A mediatividade é o meio com o qual o enunciador pode enunciar sem se engajar como ator, interlocutor ou mesmo como observador do fato relatado. O enunciador é o mediador da informação. Ele não é testemunha dela. Em caxinauá, o enunciador se serve do sufixo verbal «-iki», indicador do mediativo, para marcar um distanciamento entre ele e a mensagem que divulga. «-iki», enquanto sufixo, marca o descompromisso do enunciador com o que enuncia.

⁴ Desenvolvemos o nosso trabalho apenas com os Caxinauá do Alto Purus, dos dois lados da fronteira entre o Brasil e o Peru. Tivemos pouco contato com os Caxinauá da bacia do Juruá, quando de nossa estadia em Rio Branco, capital do Estado do Acre.

⁵ Esta família lingüística, composta por umas trinta línguas, encontra-se num espaço territorial contínuo nas terras baixas amazônicas entre a Bolívia, o Brasil e o Peru. Este último abriga a maior parte dos grupos pano.

⁶ Grafamos *e* a vogal central /i/.

⁷ Grafamos *tx* a oclusiva palatal surda /c/, *y* a oclusiva palatal sonora /j/ e *x* a fricativa retroflexa /ʂ/.

⁸ «-iki» pode aparecer como partícula, cuja função sintática é a de «discurso indireto».

Abreviaturas (tradução justalinear)

1pl	1a. pessoa do plural	MED	mediativo no presente
3pl	3a. pessoa do plural	MED pdo	mediativo no passado
3sg	3a. pessoa do singular	NEG	negação
ASS	assertivo e marca de operador predicativo	OR	orientador actancial (benefactivo)
ER	estado resultante (aspecto)	PDO INF	passado indefinido
FOC	focalizador	PL	plural
HAB	habitual	POS	possessivo
HIST	passado histórico	PRES	presente
INF	infinitivo	TDOR	tematizador
INSTR	instrumental	VBR	verbalizador

A nuance semântica entre a posição tomada pelo enunciador como aquele que assume ou não o que relata é diferenciada entre a marca verbal de atual «-ai-» e a do mediativo «-iki-». Vejamos os exemplos (1a-b) ⁹:

- | | | |
|-----|-------------|------------------------------------|
| 1a. | <i>Bake</i> | <i>kaxa-ai-i</i> |
| | criança | chorar-ATUAL-PRES |
| | | 'a criança está chorando' |
| 1b. | <i>Bake</i> | <i>kaxa-iki-ki</i> |
| | criança | chorar-MED-ASS |
| | | '[dizque] a criança está chorando' |

Tem-se em (1a), com as marcas aspecto-temporais «-ai-», o engajamento do enunciador quanto ao fato que enuncia. Ele é a fonte primeira de informação, assumindo a responsabilidade pela mensagem que divulga. Em (1b), o emprego de «-iki-» marca o não-engajamento pessoal do enunciador no ato enunciativo, mesmo se ele estiver presenciando o evento. O(s) seu(s) interlocutor(es) decodifica(m) a mensagem, sabendo que o que escuta(m) é um fato, porém a origem da informação não é assumida pelo enunciador, que se desresponsabiliza de qualquer contestação. O enunciador usa «-iki-» como mediador da mensagem sem tomar posição pelo que informa. O mediativo revela, assim, a posição do enunciador perante o que relata, mas também, conforme o contexto, informa-se na mensagem se trata de um rumor, de uma informação de segunda mão, ou ainda de um relato da tradição oral.

Empregamos, na tradução literária, a partícula [dizque], bastante usada por falantes de diferentes línguas ameríndias quando se expressam em português ¹⁰. O uso dessa partícula, por exemplo, mostra a posição que o enunciador toma face a informação, ele não se envolve no que informa, somente divulga uma mensagem de maneira distanciada e descompromissada.

Em caxinauá, o mediativo está intimamente ligado à terceira pessoa. O sujeito, no entanto, concordará com o singular ou com o plural:

- | | | |
|-----|-------------|---------------------------------------|
| 2a. | <i>Bake</i> | <i>kaxa-ø-iki-ki</i> |
| | criança | chorar-3sg-MED-ASS |
| | | '[dizque] a criança está chorando' |
| 2b. | <i>Bake</i> | <i>kaxa-kan-iki-ki</i> |
| | criança | chorar-3pl-MED-ASS |
| | | '[dizque] as crianças estão chorando' |

Essa categoria apresenta uma forma para o presente, «-iki-», e uma para o passado «aki» ou seu alomorfe «kiaki». Este último aparece com frequência nos relatos históricos, em (3), e mitológicos ilustrados em (4).

- | | | | | | | | | |
|----|--------------|--------------------|-------------|------------------------------------|----------------------------------|----------------|-------------------------|---|
| 3. | <i>Kenti</i> | <i>ewapa huni</i> | <i>mawa</i> | <i>pitxan-pauni-bu-ki</i> , [...], | <i>sebi-xun</i> | <i>pitxan-</i> | <i>pauni-bu-kiaki</i> , | |
| | <i>kenti</i> | <i>ewapa-kidan</i> | [...] | | | | | |
| | panela | grande | homem | morto | pôr no fogo-HIST-3pl-ASS, [...], | enrolar-OR | pôr no | fogo-3pl-MED pdo, |
| | panela | grande-FOC | | | | | | |
| | | | | | | | | 'Punham o morto numa panela grande, [...], [dizque] para pô-lo (na panela)enrolavam-no, era numa panela grande [...]' ¹¹ |

⁹ Os enunciados são apresentados em três versões: (a) na língua vernacular segmentada morfológicamente; (b) uma tradução justalinear e (c) uma tradução literária.

¹⁰ Encontramos o mesmo fenômeno em espanhol com o verbo *decir*.

¹¹ Início de um relato sobre o canibalismo.

Está presente nas introduções de mitos, mesmo que elas se formulem distintamente:

- 4a. *Eska-ni-kiaki, nuku-n xenipabu hiwe-a [...]*
 assim-PDO INF-MED pdo, 1pl-POS ancestrais habitar-ER
 '[dizque] era assim, os nossos antepassados viviam [...]'
- 4b. *Mana Dumeya hiwe-a-dan, eska-pauni-kiaki [...]*
 Mana Dumeya viver-ER-TDOR, assim-HIST-MED pdo
 'a vida de Mana Dumeya, [dizque] era assim [...]' ¹²
- 4c. *Dau paepa inbu yuxan kudu miyui-ki, eska-ni-kiaki [...]*
 remédio poder mulher yuxan kudu história-ASS, assim-PDO INF-MED pdo
 'é a história das propriedades do remédio da mulher *yuxan kudu*, [dizque] era assim [...]'

Nos exemplos (3) e (4a-c), o mediativo «-kiaki» traduz um fato não vivenciado pelo enunciador, o conhecimento da narrativa é uma herança da tradição oral.

Como vimos em (1), o uso de «-ai-i» revela o engajamento do enunciador no que enuncia, assumindo os fatos relatados. «-iki» marcará uma mediação entre a mensagem e aquele que a divulga. Em (5), o enunciador se serve tanto de «-ai» como de «-iki» ao contar o procedimento que tomam quando percebem que alguém foi tomado pelo *muka* ¹³. O primeiro passo a tomar é deitar a vítima em sua rede, lavar-lhe os olhos com plantas medicinais específicas para esse fim de maneira a tirar ou afastar o efeito do *muka*. O narrador que conhece bem esse tipo de manifestação usa tanto a marca do actual «-ai-» como a do habitativo «-mis-» para relatar esse fato. Empregará, no entanto, «-iki» quando aborda a questão da comunicação com os *yuxin* (seres sobrenaturais); prefere não se pronunciar quanto ao fato relatado. Não se compromete com a possibilidade ou não de comunicar com o sobrenatural.

5. *Betxex-mis-bu-ki, betxex-a main-mis-bu-ki, main-bia hawe-n nudi midin-ma-ki. Muka bena-ai-i, muka ewa-ai-i, yuxin hantxa-i tae ik-ø-iki-ki [...]* ¹⁴
- banhar os olhos-HAB-PL-ASS, banhar-ER sarar-HAB-3pl-ASS, sarar-mas 3s-POS *nudi* pouco-NEG-ASS. *Muka* encontrar-ATUAL-PRES, *muka* crescer-ATUAL-PRES, *yuxin* falar-INF começo VBR-3sg-MED-ASS
- 'Sempre banham os olhos (da pessoa que recebe o *muka*), banhado sempre sara, sara mas com muito *nudi* ¹⁵, o *muka* aparece e cresce nele, (daí, [dizque]) o *yuxin* começa a falar'

Os enunciados, que informam o que acontece quando o *muka* permanece no corpo, são construídos com «-ai». Eles são plenamente assumidos pelo narrador, até porque ele já pode ter passado por essa experiência. É o que nos dá a entender. Mas a comunicação verbal com os *yuxin*, essa não é assumida. Ela é apenas indicada por «-iki», informando a possibilidade que o desenvolvimento do *muka* no corpo de um indivíduo pode torná-lo sensível à comunicação e ao mundo dos *yuxin*.

¹² *Mana Dumeya* é um personagem da mitologia caxinauá.

¹³ *Muka* é pensado como substância errante que pode ligar os seres humanos, os animais e os espíritos, permitindo a comunicação entre os seres.

¹⁴ Contexto extraído de uma narrativa sobre a manifestação do *muka* no indivíduo (Colombiana, julho/1994).

¹⁵ Os Caxinauá empregam o termo da língua culina *nudi*, que apresenta o mesmo significado que *muka*. Os Culina, da família lingüística Arauá, são vizinhos dos Caxinauá. Estes últimos temem a pajelança dos primeiros.

Percepção e inferência mediatizadas

A percepção e a inferência são enunciadas com a forma «-iki» indiferentemente do fato de ser ou não vivenciadas pelo enunciador. São fenômenos apreendidos de forma externa ao vivido pelo sujeito falante; podemos dizer que são concebidos como agente externo ao corpo.

a) A percepção representada pelos cinco sentidos: *hanawen mei* 'paladar', *meken mei* 'tato', *pabinkin ninkai* 'audição', *beduwen uini* 'visão' e *dekenin xetei* 'olfato' são percebidos através da mediação. O enunciador não emprega a forma «-ai-» em seus enunciados para dizer que está sentindo o cheiro de tal coisa, mas dirá que 'algo' está cheirando. A percepção vem até ele e desse fato ele passa a ser um mediador dos sentidos.

Em (6a-b), o enunciador expressa que a comida está cheirando bom (*nue*) ou que trata-se, pelo odor que exala, de um caititu que está sendo cozido. Não encontramos a forma verbal marcada por «-ai-» e a mesma também não foi aceita. Esses enunciados podem ser construídos com a marca «-mis», que indica um fato habitual evidentemente com «-iki», mas «-ai-» foi rechaçado.

6a. *nue*¹⁶ *maya-ø-iki-ki*
bom cheirar-3sg-MED-ASS
'[dizque] está cheirando bom'

6b. *yawa* *xete-ø-iki-ki*
caititu farejar-3sg-MED-ASS
'[dizque] está cheirando caititu'

Observaremos o mesmo comportamento com enunciados referentes aos demais modos de percepção que são percebidos de maneira mediata. A posição do enunciador é de receptor do sentido e mediador da mensagem, como exemplificamos a seguir.

Na série de exemplos (7a-b), trata-se do ruído de motor. O barulho deste — assim como qualquer tipo de barulho — é geralmente percebido a quilômetros de distância, inaudíveis a nossos ouvidos. A sensibilidade auditiva aflorada dos Caxinauá, como de tantos outros povos, faz com que, mesmo à distância, percebam um barulho em (7a), e em muitos casos, reconheçam o proprietário do motor, como em (7b). Podemos observar que, toda vez que deparamo-nos com situações como esta — de dizer que fulano está chegando ou ao menos que o barulho do motor de ciclano se aproxima —, aqueles enunciadores nunca se enganavam; momentos mais tarde, fulano ou o motor de ciclano encostava no porto...

7a. *moto* *kema-ø-iki-ki*
motor aproximar-3sg-MED-ASS
'[dizque] o motor está chegando'

7b. *Brabu* *hu-ø-iki-ki*
Bravo chegar-3sg-MED-ASS
'[dizque] (o motor de) Bravo está chegando'

É interessante ver que mesmo para um processo fisiológico, como o sangue que circula pelas veias, o emprego é feito com «-iki»:

8. *Himi* *punu-wen* *ka-ø-iki-ki*
sangue veia-INSTR ir-3sg-MED-ASS
'[dizque] o sangue circula na veia'
(lit. 'o sangue anda com a veia').

Construções, como em (9a-b), apresentam nuances semânticas fornecidas pelo emprego de «-ai-» e de «-iki».

9a. *dantunku* *isin-ai-i*
joelho doer-ATUAL-PRES
'o joelho está doente'

9b. *dantunku* *isin-ø-iki-ki*
joelho doer-3sg-MED-ASS
'[dizque] o joelho está doente'

Que conclusão podemos tirar de um enunciado proveniente de um fato perceptivo? Para tentar entender o semantismo de (9a), podemos começar pela própria tradução fornecida pelo informante: 'o joelho está mal'. Aqui, o enunciador declara que é o próprio joelho que manifesta dor; a dor é localizada e é o local que vai expressar o que sente. Em (9b), o mesmo informante traduziu por: 'o joelho está doente'. Ou seja nos dois enunciados os enunciadores são o 'joelho'! Mas será que o conhecimento que tem do português é o suficiente para tentar uma nuance entre «mal» e «doente»? Acredito que não. Voltamos assim às regras de uso de «-ai-» e de «-iki». No primeiro exemplo, o enunciador declara expressamente que ele sente dor no joelho, enquanto no segundo ele não se sente afetado pela dor, apesar de ela estar presente no local indicado: no joelho.

¹⁶ *Nue* designa o odor de um alimento animal.

Vemos que, em caxinauá, a diferença estabelecida pelos sufixos verbais «-ai-» e «-iki» enfatiza a posição tomada pelo enunciador face ao que relata. Com «-iki», o enunciador se posiciona como mediador da informação, marcando um distanciamento entre a enunciação e a origem da informação seja ela presenciada, constatada ou perceptiva.

b) A inferência também é feita através da mediação. Em (10), nota-se que alguém, que é tuberculoso, anda escarrando sangue. Este é visto no chão e o constatado é feito por meio de «-iki»:

- | |
|--|
| 10. <i>himi mitxu-ø-iki-ki</i>
sangue escarrar-3sg-MED-ASS
'[dizque] está escarrando sangue' |
|--|

Se nos restringirmos aos fenômenos atmosféricos, todos eles são expressos unicamente por meio de «-iki»:

- | |
|--|
| 11. <i>badi ku-iki-ki</i>
sol esquentar-MED-ASS
'[dizque] o sol está quente' |
| 12. <i>ui ik-iki-ki</i>
chuva VBR-MED-ASS
'[dizque] está chovendo' |

Nessas construções impessoais, observamos que «-iki» é presente e também que o enunciador não assume de forma alguma os fenômenos meteorológicos.

Considerações finais

Observamos que a mediação está ligada à pessoa. A terceira pessoa é o índice de distanciamento entre a relação enunciativa eu-tu. A interação entre o enunciador (eu) e o fato relatado é feita através do «ele», marcado por «-iki». Este aparece em sintagmas verbais, cujo número é marcado pela terceira pessoa do singular (ø) ou do plural («-kan»).

O Caxinauá mostra-nos também a sua sensibilidade em mediar a informação por processos gramaticais, como «-iki». A distância marcada pelo enunciador entre ele e o fato enunciado pode vir a revelar diferentes valores semânticos: a abdução, a inferência, a informação de segunda mão, os boatos, ou ainda os mecanismos de percepção. Recorrendo aos exemplos analisados, alguns dos contextos nos quais «-iki» é obrigatório, como aos referentes à percepção e a inferência, somos levados a nos indagar e também a estar mais atentos aos processos cognitivos que, eventualmente, sejam revelados e expressos através da mediação. Fato que pode nos deixar em aberto um campo de estudo mais amplo e aprofundado não apenas sobre os valores de «-iki» e de outros sufixos intermediadores da informação, como também do pensamento caxinauá.

Dentro do quadro temático do colóquio, a colocação desta análise etnolinguística do mediativo se insere no contexto de uma modernização do próprio tratamento de estudos de línguas e grupos de tradição oral. Estes que durante muito tempo — para muitos deles — tiveram sempre de se adaptar ao nosso comportamento, à nossa visão de mundo, o que não quer dizer que os assimilassem plenamente. Mas hoje, alguns de nós, de cultura ocidental, estamos voltados à sensibilidade de tentar perceber, interpretar e respeitar a visão do mundo dessas culturas diversas; estas que não deveriam mais se minimizar face aos processos de modernização enquanto culturas marginalizadas.

Bibliografia

- CAMARGO Eliane
1995a *Léxico caxinauá-português*.- Paris: A.E.A. (Chantiers Amerindia)
1995b «Valeurs médiatives en caxinauá», in: Zlatka GUENTCHÉVA (ed.), *Information grammaticalisée*.- Paris: Peeters. [No prelo]
- CHAFE W. e J. NICHOLS
1986 «Evidentiality: The linguistic Coding of Epistemology, Avances», in: *Discourse Processes*, vol. XX.- Norwood (New Jersey): Ablex Publishing Corporation.
- DESLÉS Jean-Pierre e Zlatka GUENTCHÉVA
1994 «Avant-Propos», in: *Études cognitives, sémantique d'aspect et de temps*, pp. 11-17.- Varsovie: SOW.
- ERIKSON Ph., B. ILLIUS, K. KENSINGER e M.-S. AGUIAR
1994 *Kirinkobaon kirika («Gringo's Books»)*. An annotated bibliography.- Paris: A.E.A. (Chantiers Amerindia)
- FIGUEROA Francisco de e Cristóbal de ACUÑA et al.
1966 *Informes de Jesuitas en el Amazonas (1660-1684)*.- Iquitos: IIAP / CETA. (Monumenta Amazónica)
- GALVÃO Eduardo
1976 «Encontro de sociedades tribal e nacional no Rio Negro, Amazonas», in: SCHADEN Ego (ed.), *Leituras de etnologia brasileira*, pp. 421-434.- São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- GUENTCHÉVA Zlatka
1990 «Énonciation médiatisée en bulgare», *Revue des Études Slaves* (Paris) LXII (1-2).
1995 «L'énonciation médiatisée et les mécanismes perceptifs», in: BOUSCAREN Janine, Jean-Jacques FRANCKEL e Stéphane ROBERT (ed.), *Problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Culioli*, pp. 301-315.- Paris: P.U.F. (Série Linguistique Nouvelle; vol. «Langues et Langage»)
- JAKOBSON Roman
1957 «Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe», in: *Essais de Linguistique Générale*, pp. 176-196.- Paris: Éditions de Minuit.
- KROEMER Gunter
1985 *Cuxiuara. O Purus dos Indígenas. Ensaio etno-histórico e etno-gráfico sobre os Índios do Médio Purus*.- São Paulo: Edições Loyola.
- LAZARD Gilbert
1956 «Caractères distinctifs de la langue tadjik».- *BSL* (Paris) 52 (1).
- ROUSSEAU Jean
1984 «Wilhem von Humbolt et les langues à incorporation: genèse d'un concept (1801-1824)», in: AUROUX Sylvain e QUEIXALOS Francisco (ed.), *Pour une histoire de la linguistique amérindienne en France*, pp. 79-106.- Paris: A.E.A.
- SAPIR Edward
1967 *Anthropologie*.- Paris: Éditions de Minuit. (Coll. Points)

Résumé

Dans le présent article, nous mettons en évidence la catégorie grammaticale du médiatif, qui couvre un large spectre sémantique, dans laquelle l'énonciateur n'est qu'un médiateur de l'information qu'il divulgue. Ce thème comprend non seulement la position de l'énonciateur face à ce qu'il énonce, mais aussi le message épistémologique et cognitif inscrit tant dans le discours social que dans celui de la tradition orale (à travers les mythes), tel que le révèle le système caxinauá. L'analyse morphologique attire notre attention sur le rôle de notre interprétation du système de la langue et principalement de son sémantisme. Nous illustrons notre texte avec des données extraites de la langue caxinauá, qui appartient à la famille linguistique Pano, située dans le bassin du Juruá-Purus, entre le Brésil et le Pérou.

Summary

In the present article we focus on the grammatical category of the mediative function which comprises a broad semantic area and in which the enunciator is merely the mediator of the information she or he is imparting. This topic does not only include the position of the enunciator in relation to the message, but also an epistemologic and cognitive message encoded in social discourse as well as in oral tradition (through myth), as is manifest in the Caxinauá system. Our morphological analysis draws attention to the role played by our interpretation of the language and mainly of its semantic system. We illustrate the present text with elements taken from the Caxinauá language, which belongs to the Pano linguistic family, located in the Juruá-Purus Basin, between Brazil and Peru.